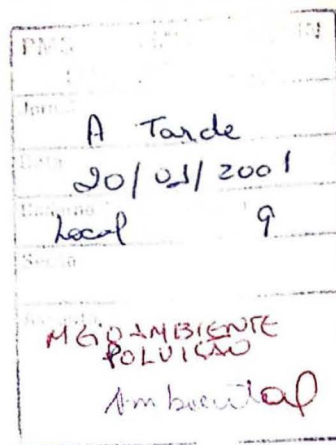




Poluição ainda atinge praias de Salvador

FIASCO – A promessa do governo de que o Programa Bahia Azul iria despoluir as praias de Salvador não se concretizou; muitas continuam impróprias para o banho

GERSON DOS SANTOS

Salvador possui mais de 60 km de orla, mas não está preparada para dar segurança às pessoas que procuram suas praias. Com um litoral deste tamanho, o banho de mar é a maior opção de lazer do soteropolitano, principalmente nos finais de semana. Com as férias escolares e a presença maciça dos turistas na cidade, a opção de lazer passa a ser diária. Falta, no entanto, estrutura suficiente para atender a toda a sua extensão.

Não há informação para os banhistas, por exemplo, sobre as condições de balneabilidade da praia, já que nem todas são próprias ao banho de mar. O Bahia Azul ainda não conseguiu despoluir as praias de Salvador como foi prometido, mesmo com o projeto já estando perto de ser concluído. Praias como Costa Azul, dos Artistas, Armação e Itapua, que recebem um grande número de turistas, por exemplo, são impróprias para o banho, mas não há nenhuma placa indicando isto.

Desaparelhados

Os salva-vidas também estão desaparelhados, o que termina deixando os banhistas cada vez mais vulneráveis aos riscos oferecidos pelo mar. Segundo dados da Coordenadoria de Salvamento Marítimo (Salvamar), são registrados, só aos domingos, no trecho compreendido entre Piatã e Jaguaribe (o de maior afluência da população), mais de 30 ocor-

rências de afogamento.

Os salva-vidas dispõem de poucos instrumentos para realizar sua tarefa. Contam com algumas bóias, pranchões, um único bote inflável para patrulhamento, dois jetskis, um jet-boat (em péssimo estado) e cinco viaturas, insuficientes para atender a toda a orla.

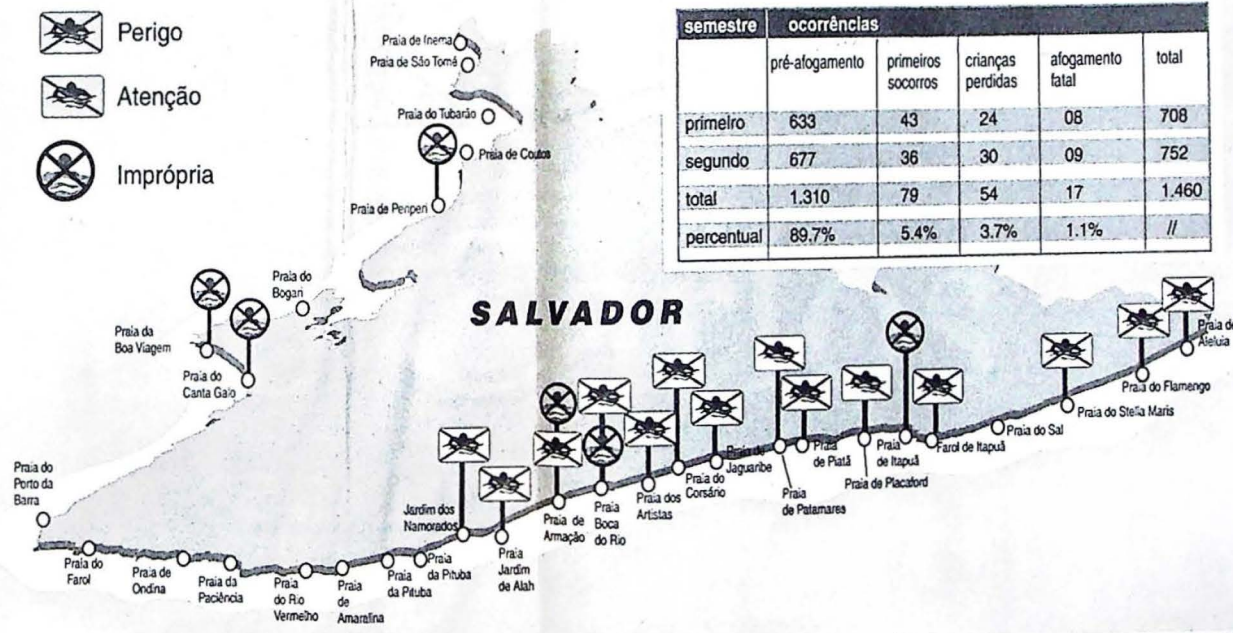
A situação é ainda mais grave porque o número de salva-vidas também é insuficiente para atender à população. Entre as praias de Jaguaribe II e a 3ª Ponte, por exemplo, há apenas quatro salva-vidas (dois por posto), separados por uma distância de quase 500 metros, sendo que é exatamente nesta área onde ocorre o maior número de afogamentos.

Segundo informação dos próprios salva-vidas, nesta área costumam ficar diariamente cerca de 10 mil pessoas (o dobro nos finais de semana), metade delas permanentemente dentro d'água. Somente aí, revelaram, há registro de pelo menos 30 afogamentos somente aos domingos, sem contar os de pequena monta que não são registrados.

O perigo é maior ainda quando o relevo marinho começa a se modificar. Nestes casos, a situação é de alerta total, porque as pessoas, desacostumadas às correntezas, acabam se excedendo, disse um salva-vida. "Os bancos de areia são comuns quando ocorrem essas transformações, provocando o aparecimento de buracos e correntes de retorno, desequilibrando o banhista, arrastando-o para áreas mais profundas".

PRAIAS NÃO OFERECEM SINALIZAÇÃO

Principal lazer dos baianos, as praias ainda não possuem estrutura suficiente para que as pessoas se sintam seguras.



Imprudência contribui para afogamentos

A falta de conscientização dos banhistas, explica a coordenação do Salvamar, também é outro fator que contribui para o aumento do número de afogamentos. "Pessoas completamente alcoolizadas entram na água sem as mínimas condições de equilíbrio. Namorados preferem os locais mais afastados e terminam se afogando. Outros sequer sabem nadar e se arvoram a uma aventura mais perigosa, além dos próprios barraqueiros, que roubam o mastro da bandeira vermelha instalado em frente à sua barraca, alegando prejuízo, porque os banhis-

tas preferem outro local a ficar num local perigoso".

Dados levantados junto à Salvamar indicam que no ano passado foram registradas 1.460 ocorrências. O quadro de profissionais atualmente nesta área é insuficiente. São pouco mais de 100 homens para dar uma cobertura a uma área que vai do Jardim de Alá até a Praia de Aleluia, uma vez que da Praia de São Thomé de Paripe, no Subúrbio Ferroviário, até a Pituba a cobertura é feita pelo Corpo de Bombeiros, que também enfrenta problemas, pois sequer tem equipamentos próprios e se

utilizam do já escasso material do pessoal da Salvamar.

Falta pessoal

São apenas 30 postos de salva-vidas na orla de Salvador com apenas dois homens em cada um deles, quando seria necessário pelo menos o dobro desse pessoal em cada unidade para que se fizesse um trabalho apenas razoável, já que também faltam os equipamentos e a infraestrutura necessários para o bom desenvolvimento desse trabalho, a exemplo dos elevadores, para que se tenha uma vi-

são global da área de cobertura.

Não há uma sala para testes físicos e de reciclagem desses profissionais. Bem como a profissão também não é reconhecida, apesar da promessa do prefeito Antônio Imbassahy em providenciar o enquadramento. Quando da inauguração da nova sede do Salvamar, em Patamares, havia também a promessa da construção de uma piscina para treinamento. Atualmente, porém, os salva-vidas treinam graças à Universidade Católica do Salvador, que lhes oferece a piscina para a prática física.